

IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA DA ÁFRICA NEGRA

Johildo Lopes de Athayde

do Setor de Estudos Históricos do C. E. A. O

Em meio ao cenário internacional dos nossos dias, onde uma estranha mistura de ódios e de frustrações parece, tantas vezes, sufocar no Homem a sua esperança mais elementar — a esperança da sobrevivência — poucas coisas poderiam nos parecer tão grandiosas, e diria mesmo tão comoventes, como a luta desta África jovem, abarrotada de problemas e de esperanças, intransigente na defesa da dignidade humana e, porque jovem, trazendo os olhos teimosamente abertos para o futuro. É uma das poucas notas de esperança, no centro de um mundo que chegamos a considerar nas margens da falência; mundo melancolicamente velho, esclerosado pelos ódios e pelos desencontros.

É seria difícil — para nós brasileiros, sobretudo — permanecer apáticos frente à decisão legítima do Continente Negro de derrubar os mitos; de esmigalhar os preconceitos; de reivindicar uma liberdade criminosamente violada há 5 séculos e, como diz Césaire, de «gritar com tal vigor o grande grito negro que os alicerces do mundo sejam abalados».

Sei, entretanto, que para uma grande parcela da Humanidade, intoxicada pelos preconceitos ou simplesmente atraída pelo desejo de lucros, de posse, de espoliação, a luta dos povos africanos não passa de um canibalismo repugnante; de uma revolta de bárbaros, estrategicamente orientada pelos interesses externos. Para tais espíritos, constituem um absurdo reivindicações de autenticidade, de respeito, de autonomia, por parte de uma África Negra, vazia de passado; indiferente às coisas da civilização e condenada, pelo seu primitivismo, a se arrastar de pés cortados pelos caminhos da História.

Recusam-se, todos eles, a constatar uma vitória definitiva, como se pudessem sofrer, com o seu descaso ou os seus protestos, a grande decisão dos povos africanos.

Procuram, todos eles, numa atitude carregada de vergonha e desespero, fechar os olhos à bandeira do Mali, que traz no

NOTA DA REDAÇÃO: A conferência acima foi proferida na inauguração do curso de "História da África Negra Pré-Colonial", no C. E. A. O., 1965.

centro o diagrama do Homem, legitimando, assim, a sua luta pela liberdade.

E todos eles, enfim, negam-se a escutar aquêle «grande grito negro» — pois é grito de denúncia, de promessas de luta, de legítimas reivindicações:

«Escuta o mundo branco
horrivelmente lasso de seu imenso esforço...»

(E são gritos da poesia negra. Permitam-me, porém, uma justificação: poderia parecer estranho — talvez uma certa tendência romântica da minha parte — intercalar poemas em aula de História, onde se pretende o rigor e a objetividade. No caso de uma «História da África Negra» a crítica seria im procedente. O poeta negro-africano, e isto sem a menor dúvida, encontra-se mergulhado na sua realidade, e o seu grito é substancialmente o mesmo grito dos líderes políticos, dos técnicos, dos estudantes e dos milhares de homens e mulheres que lutam pela liberdade da África. E como poesia revolucionária tem a validade de um testemunho histórico).

«Escuta o mundo branco
Horrivelmente lasso de seu imenso esforço
Suas articulações rebeldes estalando sob estrêlas
Duras
Sua inflexibilidade de aço azul varando a carne mística
Escuta suas vitórias proditórias a trombetear
Suas derrotas
«Escuta nos álibis grandiosos seu miserável estertor
Piedade para os nossos vencedores
Oniscientes e ingênuos».

E na crueza dêsses versos, chegámos a imaginar a África — uma África jovem, irada, esplêndida em sua irreverência — a julgar esta humanidade branca, que, durante cinco séculos, praticou em nome da civilização, do progresso e do próprio Deus, a violação dos seus direitos mais elementares.

Seria injusto, porém, sentirmos neste «grande grito negro» uma mera explosão de ódios e vinganças. Ele nos fala de revolta. Mas, sobretudo, de grandes esperanças, como esta:

«e marcharás rumo aos bastiões do futuro
para escrever em tôdas as línguas
nas claras páginas de todos os céus
a declaração de teus direitos menosprezados
há mais de cinco séculos...»

E, finalmente, como faz notar Sartre, vamos encontrar o poeta negro — o que vale dizer, o Homem Negro — mergulhado

no processo dialético da sua própria negritude, afirmando-a inicialmente de maneira bem clara:

«África guardei tua memória África
tu estás em mim
Como o espinho na ferida
como um fetiche tutelar no centro da aldeia
faz de mim a pedra de tua funda
de minha boca os lábios de tua chaga
de meus joelhos as colunas quebradas de tua queda»

Mas logo depois, o poeta sugere a superação necessária desta mesma negritude, tendendo, assim, para uma síntese que daria ao seu derradeiro grito, uma dimensão verdadeiramente universal:

«E no entanto
Quero ser apenas de vossa raça
Operários e camponeses de todos os países...»

Aí, creio eu, é que podemos encontrar o verdadeiro sentido da revolução africana, que nos seus legítimos propósitos, longe de alimentar o ódio e a vingança; busca tão somente a dignificação do Homem, no centro de uma Civilização do Universal.

E diante desse exemplo, permanecem cegos os «vencedores oniscientes e ingênuos»; os vencedores denunciados por Sartre no seu recente trabalho «Colonialisme et Néo-Colonialisme»: Tenhamos cuidado — recomenda o autor — com as perfídias do neo-colonialismo, mais insidioso, mais insaciável do que o próprio colonialismo. Neo-colonialismo que liquidou Lumumba... «E morto, Lumumba cessou de ser um personagem para se transformar na própria África, com a sua vontade unitária; com a multiplicidade dos seus regimes sociais e políticos, com as suas discórdias, a sua força, a sua fraqueza... Lumumba não foi, nem poderia ter sido, o herói do panafricanismo — foi simplesmente o seu mártir!».

Mas no centro, mesmo, desse mundo onde ainda se fala de «mártir» para aqueles que defendem, pura e simplesmente, os valores mais elevados do Homem, multiplicam-se os primeiros sinais de entendimento e de respeito.

Confesso que não posso fugir à tentação de recompor um diálogo entre a África e a Europa; entre o Homem Branco e o Homem Negro. Refiro-me às palavras de Léopold Senghor, ao inaugurar a Universidade de Dakar, em dezembro de 59 e, por outro lado, ao desabafo comovente de Jean-Paul Sartre, na sua introdução à *Anthologie de la Nouvelle Poésie Nègre et Malgache*.

«Trata-se — diz Senghor — neste «rendez-vous» do sec. XX, de dar contribuições recíprocas a fim de levantar a única civilização que seja humana: a Civilização do Universal. E ela já

começa a surgir num doloroso parto. Constatamos a solidariedade, entre nós, da presença européia. Inversamente, a presença negro-africana na Europa, de modo especial na França, torna-se sensível na literatura e nas artes».

E Sartre coloca-se à altura dessas aspirações, quando responde:

«Estamos, pois, liquidados; nossas vitórias, de ventre para o ar, exibem suas entranhas, nosso secreto revés. Se queremos quebrar essa finidade que nos aprisiona, não mais podemos confiar nos privilégios de nossa raça, côr e técnicas: só podemos unir-nos a esta totalidade de onde nos exilam êsses olhos negros, arrancando nossas malhas brancas» — e um pouco adiante, acrescenta: «malhas brancas de **ballet**, desgastadas nos cotovelos e nos joelhos, sob as quais, se pudéssemos despi-las, encontrar-se-ia a verdadeira carne humana, a carne côr de vinho negro»... E conclui Sartre; é preciso arrancar “as nossas malhas brancas para tentarmos ser simplesmente homens...”

Diante desses dois depoimentos, tenho a certeza de escutar um dos maiores diálogos do sec. XX, transbordante de conteúdo humano e admirável pelas suas promessas de paz e de respeito.

* * *

Creio que seria desnecessário enfatizar a responsabilidade do historiador — seja êle africano ou não — frente a êste processo revolucionário do Continente Negro. Para muitos, entretanto, a luta dos povos africanos representa, essencialmente, uma luta dos seus líderes políticos, dos seus diplomatas, dos seus técnicos; secundariamente uma luta de poetas; e mais secundariamente, ainda, uma luta de historiadores.

El pergunta-se: que contribuição poderia trazer para homens de carne e osso, cheios de ímpetos revolucionários, essa estranha «fauna» de historiadores, exilados da vida pelo capricho melancólico de remexer as coisas mortas? Que importa o passado, se no presente é que vamos encontrar a grande luta, e os grandes desafios, e as grandes opções?

Trata-se, porém, de um falso conceito, pois somente no interesse pelo presente e na preocupação pelos homens vivos, é que podemos descobrir o verdadeiro sentido da História. E quando o legítimo historiador desce aos «infernos» do passado, desce com a mesma ousadia de um Orfeu, disposto a regressar, para de novo se misturar aos homens e à vida. Isto porque a sua tarefa não tem por finalidade a coleção de acontecimentos soltos; a elaboração de genealogias principescas; nem o relato, sem vida, de guerras, e de tratados, e de complicações dinásticas. Êste gênero de História, fascinado pelos côrtes, pelos malabarismos da diplomacia — História indiferente ao destino das massas, destinada a borboletear pelo passado sem atingir, jamais, o

âmago dos problemas; «Histoire événementielle», para usarmos do rótulo francês — tal história encontra-se desmoralizada em nossos dias, pois esvaziou-se de qualquer sentido, ao se desinteressar pelo grande mistério da vida.

Henri Pirenne, quando visitava a cidade de Estocolmo, dirigiu-se da seguinte maneira aos alunos que o acompanhavam: «Que vamos ver primeiro? Parece que existe uma aglomeração absolutamente nova. Começemos por lá. Se eu fôsse um antiquário, gostaria de ver, apenas, as coisas velhas. Mas acontece que sou historiador e, por isso, eu amo a vida».

Esta me parece a qualidade suprema do historiador — a preocupação de compreender o passado pelo presente e, inversamente, de compreender o presente pelo passado. Não acredito na propalada auto-inteligibilidade do «momento», e exatamente por isso, desconfio que um povo indiferente ao seu passado, possa responder satisfatoriamente aos desafios, às lutas, às opções impostas pelo seu presente. A consciência histórica de um país torna-se, assim, elemento decisivo na garantia da dignidade nacional; fiador, diríamos, das suas reivindicações de independência política, cultural e econômica. E neste sentido, o historiador Marc Bloch — um autêntico revolucionário no campo da historiografia francesa — deu-nos com o seu trabalho *Apologie pour l'histoire ou métier d'historien*, hoje clássico, a lição que considero definitiva:

«Como entender os homens — pergunta o autor — se apenas os estudamos nas suas reações frente às circunstâncias particulares de um momento. Muitas virtualidades, que provisoriamente são pouco aparentes, mas que podem, a cada instante, despertar motores mais ou menos inconscientes das atitudes individuais ou coletivas, permanecerão na sombra. Uma experiência única (no caso o presente) é sempre impotente para discriminar os seus próprios fatores e, portanto — conclui Marc Bloch — para empreender a sua própria interpretação».

Cabe, portanto, ao historiador uma participação nas lutas, pois êle também, ao lado dos demais, constitui-se em legítimo operário do presente. E até já houve quem dissesse «ali, onde se agita a carne humana, o historiador encontra a sua presa».

Sendo assim, que outro campo de pesquisas poderia nos parecer mais excitante do que esta África jovem, onde a carne dos seus filhos palpita e se estiraçalha, ao «gritar o grande grito negro»?

Sinto-me, portanto, perfeitamente justificado ao iniciar, no dia de hoje, o nosso curso sobre a História dos povos africanos no período pré-colonial.

* * *

Durante muito tempo, a África Negra foi considerada um Continente sem História, selvagem e absolutamente alheio às coisas da civilização. Historiadores reacionários, sociólogos de ten-

dência positivista, missionários comprometidos e a burguesia imperialista da Europa — inspirados todos pelos mesmos preconceitos — elaboraram uma caricatura do passado africano. Povoaaram-no de coisas estranhas: de monstros com olhos no peito; de ídolos empanzinados de sangue; de homens mergulhados no barbarismo mais elementar. Nada que sugerisse um pouco de sensibilidade; um mínimo de realizações originais. Apenas o caos permanente e aquêlo vazio onde pastava, preguiçosamente, o «sauvage noir»... Criou-se, assim, o mito de uma sub-humanidade, indispensável à liberdade de ação das forças imperialistas que, em nome de quase tudo, de Deus e do Progresso, empreenderam a tarefa «meritória» de escravizar, domesticar, governar, civilizar os povos negros do Continente africano.

E todos os vestígios de civilização que, porventura, fôsem encontrados na África Negra, eram sumariamente atribuídos a influências estrangeiras. Seriam elementos de origem egípcia, cartaginesa, árabe ou européia. Westermann, lingüista e historiador alemão, negava ao Continente africano a menor «participação na cultura material e intelectual do mundo». Para David Hume era completa a «ausência de culturas originais na África Negra. Nem artes e nem ciências». E seria, realmente, monótona a enumeração, mesmo superficial, de depoimentos de tal ordem.

Hoje, porém, graças ao trabalho de dezenas de pesquisadores, vivamente interessados pela História dos povos africanos e auxiliados de perto por etnólogos, lingüistas e arqueólogos; graças, também, aos congressos internacionais, aos centros de pesquisa, às revistas especializadas, o passado da África Negra começa a ser revelado e, às vêzes, de maneira surpreendente.

Os estados Haussá, os reinos de Kanem — Bornu, o país dos Iorubá, os grandes impérios sudaneses de Gana, Mali e Songhaï; o florescimento de cidades como Djenné, Gao e Tombuctu, fervilhantes de comércio e de cultura, tudo isso representa uma revelação surpreendente (e desconcertante...) para a historiografia do sec. XX.

Das entranhas do «Continente sem História» começam a surgir as organizações políticas bem elaboradas; a engrenagem dos seus sistemas administrativos; a estrutura militar de reinos e impérios — comparável, muitas vêzes, pela eficiência e organização, às infantarias, cavalarias e recursos estratégicos do feudalismo europeu.

E a vida econômica desse passado africano revela-nos um elevado grau de maturidade, com as suas moedas, os seus impostos e as rotas de caravanas que, através do Saara, estreitavam as relações entre as civilizações sudanesas e a África do Norte e mesmo a Europa.

Esboroou-se, assim, o mito do «sauvage noir»... ou continuariam «sauvages noirs» homens e mulheres que criaram cen-

tros de cultura, dinamizaram universidades e fizeram surgir, em épocas recuadas, os primeiros vestígios do humanismo africano? Cidades como Ualata, Gao, Djenné e Tombuctu — citando apenas as mais importantes — constituíram-se em verdadeiros centros de cultura. Tombuctu, por exemplo, com a sua Universidade de Sankoré, desfrutava de grande prestígio, não apenas nos limites estritamente sudaneses, como também entre professores e estudantes de países remotos. No *Tarikh-es-Soudan* vamos encontrar uma descrição detalhada da vida universitária de Sankoré — os seus métodos de ensino; o seu currículo; os seus professores de retórica, gramática, direito, dialética, história, teologia e, em tudo isto, pressentimos o fervilhar de uma vida intelectual plena de vigor e de refinamento, «onde o homem — são palavras do historiador Mody Cissoko — é o centro do Conhecimento; e o seu bem-estar; e o seu desenvolvimento intelectual e moral; e o respeito pela sua dignidade constituem os princípios fundamentais do humanismo sudanês».

E aquilo que, para muitos, poderia lembrar um disparate — a bandeira do Mali carregando no centro a imagem do Homem — trata-se, na verdade, da manifestação mais recente do humanismo negro, o mesmo que nasceu sob as arcadas de Sankoré e hoje, florescente, serve de inspiração aos povos africanos.

Esboroou-se, assim, o mito do «sauvage noir»... Ou continuariam «sauvages noirs» todos aqueles que tiveram a sensibilidade de elaborar uma arte, indiscutivelmente, vigorosa e original?

Creio que, em nossos dias, grande ainda é o número dos que consideram as manifestações artísticas da África Negra como coisas diabólicas; arte bárbara, fetiche e, na melhor das hipóteses, objetos pitorescos que o colecionador carrega para os seus armários. Permanecem cegos ao sentido desta arte negra que Engelbert Mveng, no seu excelente trabalho «Structures Fondamentales de l'Art Nègro-Africain» procurou definir com as seguintes palavras: arte que representa «a expressão do homem enquanto criador do seu destino pela interiorização do mundo». E o autor continua páginas adiante: «a simbólica é a linguagem que transmite esta expressão... Simbólica que se deseja expressão do drama da vida, isto é, desta luta gigantesca na qual a vida e a morte, frente a frente, onstituem o fundamento dialético da existência. E esta luta conclui Mveng, não passa de um prelúdio, pois ela precede a vitória: a vitória da vida sôbre a morte!»

Foi apenas no início do século atual, que alguns espíritos europeus, aliviados da imensa carga de preconceitos, começaram a enxergar na arte negra uma nova concepção estética plenamente válida. E a partir de então, as Histórias da Arte começam a reservar um capítulo especial aos povos africanos, e a própria evolução da arte ocidental contemporânea deixa-se salpicar, de maneira mais ou menos profunda, por esta «estranha» arte do Continente Negro.

O «fauvisme», a partir de 1905, foi levado pelo seu instintivismo a romper com os «princípios técnicos e tradicionais da pintura» aproximando-se, sensivelmente, das fontes africanas. Aí, também, inspiraram-se os cubistas na elaboração dos seus esquemas geométricos. E seria difícil ignorar o conteúdo negro da obra de Picasso, especialmente na fase inicial, onde se patenteia a influência de esculturas africanas. Diante, por exemplo, do seu famoso quadro «Busto de Mulher», executado em 1908, não conseguimos fugir à tentação de evocar as esculturas negras do Gabão. O mesmo, talvez, como sugere o crítico francês Germain Bazin, poderíamos dizer de outros artistas contemporâneos, como Derrain e Vlaminck.

Esborrou-se, assim, o mito do «sauvage noir»... Irremediavelmente! E o jovem africano dos nossos dias, pode lançar os olhos para trás, pois muito além das caravelas portuguesas e da legião de povos imperialistas, encontrará o verdadeiro passado do seu povo.

Lutam, inútilmente, todos aqueles que procuram constatar nos grandes momentos da História africana, a presença do estrangeiro civilizador; todos aqueles que teimam em conceber a África Negra como simples depósito de influências. Não se pretende ocultar a importância — muitas vezes profunda — de contribuições externas as mais variadas. Mas, por outro lado, seria ingenuidade ou preconceito, desconhecer nos povos africanos a tendência de «négrifier les influences» — usando palavras de Mody Cissoko — e chegando, assim, a elaborar um estilo de civilização capaz de refletir um largo conteúdo de autenticidade.

* * *

Gostaria, agora, de abordar o problema da História da África, no período anterior à colonização. Tenho ouvido de várias pessoas — e algumas reconhecidamente esclarecidas — restrições a este nosso curso de «História da África Negra «Pré-Colonial». Nas entrelinhas, denunciam um certo sabor bizantino nesta preocupação de abordar o Continente africano no seu período mais recuado. Se, ao menos, fôsse a História de uma África Independente ou mesmo Colonial...

Seria o caso de perguntar a essas pessoas, se uma História da África Colonial e Independente, com o desprezo total do período anterior — isto é, pré-colonial — não correria o risco de preservar o mito do «sauvage noir». Na fase Colonial, teríamos a História do negro amordaçado, porque selvagem; na fase Independente, a História do negro pretensioso, enquanto defensor de uma liberdade utópica...

Creio, portanto, na validade dessa História Pré-Colonial, anterior à «hora do desenraizamento, quando eles arrombaram o espaço que era meu», pois justamente aí é que podemos sur-

prender o negro solitário, construindo cidades, edificando impérios, e tantas vezes magnífico nas suas manifestações artísticas; e tantas vezes forte; e tantas vezes fraco. Mas em todos os momentos, tão legitimamente Homem, como o mais nobre dos cavaleiros feudais.

Cabe, assim, a esta «História da África Pré-Colonial» a tarefa de mostrar que o «negro pretensioso» dos nossos dias — aquêlê que reclama respeito e liberdade — é o herdeiro legítimo dos Impérios de Gana e do Mali, dos reinos do Kanem-Bornu, dos Estados Haussá; do país dos Iorubá. Herdeiro, enfim, de uma civilização africana original e secular.

Desconfio que, a esta altura, as restrições feitas à História do Continente Negro já começam a descambar para o terreno do pitoresco... Não chegam a constituir obstáculos. Valem, apenas, como testemunho histórico de uma época, onde sobrevivem, ainda, os preconceitos e as servidões; onde um neocolonialismo, embora esclerosado, luta inglôriamente contra a morte.

Árdua, porém, é a tarefa do pesquisador. E tarefa pioneira, é o que nos diz Basil Davidson no seu livro **Old Africa Rediscovered**: «a carta histórica da África — comenta o autor — recentemente nua, vazia e mutilada, como anteriormente o eram as cartas geográficas, começa, pouco a pouco, a brilhar com detalhes esclarecedores... e a humanidade africana surge aos nossos olhos, com o seu esplendor e as suas fraquezas».

Na verdade, foi nos começos dêste século — e de maneira mais acentuada, a partir da Segunda Guerra Mundial — que os estudos sistemáticos sôbre a História do Continente africano começaram a receber os primeiros impulsos. E hoje, já dispomos de uma vasta bibliografia que bem atesta a intensidade e o rigor científico das pesquisas históricas. Mas tudo isto representa, apenas, o começo, pois o passado da África Negra continua pontilhado de interrogações ou, como diria Hubert Deschamps, «uma grande túnica onde existem mais buracos do que pròpriamente tecido». Áreas imensas continuam práticamente desconhecidas. O que sabemos, por exemplo, sôbre numerosos povos da África Oriental? Sôbre vastas regiões de Nyassaland, de Angola, de Moçambique? Pouco ou quase nada. E os exemplos poderiam ser multiplicados.

Entretanto, êste panorama fragmentário da História Africana, longe de representar um desencanto, vale sobretudo como desafio — e dos mais excitantes — aos pesquisadores do Continente Negro. Trata-se de um trabalho gigantesco, onde a persistência, o entusiasmo e o rigor científico constituem os fiadores da sua validade. Luta-se pela desmoralização de mitos e preconceitos; mas de olhos abertos para não se cair em novas tentações: a de transformar, por exemplo, a tarefa do historiador numa espécie de «cruzada filantrópica», sancionando exageros e simplificações e, desta forma, elaborando para os povos negros

uma História invalidada pelo sentimentalismo. E precisamente de um historiador negro, Cheikh Anta Diop, é que vamos receber essa magnífica lição: «Não se trata de criar uma História mais bonita do que a História dos outros povos... O importante é partir dessa idéia evidente: cada povo tem a sua História. O que se torna indispensável a um povo, a fim de melhor orientar a sua evolução, é conhecer as suas origens, sejam elas quais forem. Se, por acaso, a nossa História é mais bonita do que esperávamos, isto não passa de um feliz detalhe».

THE IMPORTANCE OF THE HISTORY OF BLACK AFRICA

At the opening of the course about "History of Pre-Colonial Black African" Prof. Johildo Athayde tries to make a short analyses of the revolutionary procedure of the African Continent making sure, at a certain moment, that "it would be difficult — mainly for us, Brazilians — to be apathetic in view of the real decision of the Black Continent of laying down the myths; knocking down the bias; claiming for a criminally outraged liberty for five centuries".

Later on, he examines the various myths held around the African History, showing that, for a long time, Black Africa has been considered as a Continent without History, savage and quite apart from anything concerning Civilization. Some reactionary experts, sociologists of positivist tendency, naïf or engaged missionaries and the imperialist bourgeoisie of Europe — inspired by the same bias — have worked out a ridiculous caricature of the African past.

Thus they have brought up the myth of a sub-humanity, indispensable to the liberty of action of the imperialist forces which, at the name of nearly everything, of God and Progress, undertook the "meritorious" role of enslaving, domesticating, rulling, civilizing the black people of the African Continent...

However, nowadays, thanks to the work of many an investigator greatly interested in the History of the African peoples and closely supported by ethnologists, linguists and archeologists; thanks, too, to the international Congresses, to the research centres, to specialised papers, the past of Black Africa begins to be shown and, often, in a surprising way.

The Haussa states, the Kingdoms of Kanem-Bornu, the country of the Yoruba, the great Sudanese empires of Ghana, Mali and Songhay, the prosperity of cities like Djenné, Gao and Tombouctou, with a large trade and great culture, all this presents a surprising revelation likewise upsetting as regards the XXth. century historiography.

L'IMPORTANCE DE L'HISTOIRE DA L'AFRIQUE NOIRE

En commençant le cours d'Histoire de l'Afrique Noire Pré-Colonial, Mr le Professeur Johildo Athayde cherche à faire une analyse rapide du procès révolutionnaire du Continent Africain en assurant, à un certain moment, "que ce serait difficile — surtout pour nous les Brésiliens — rester apathiques face à la décision légitime du Continent Noir d'abattre les mythes; d'écraser les préjugés; de revendiquer une liberté criminellement violée depuis cinq siècles".

Il analyse ensuite les divers mythes qui se sont créés autour de l'Histoire Africaine, en montrant que, pendant beaucoup de temps, l'Afrique Noire a été considéré un continent sans Histoire, sauvage et absolument étrangère aux choses de la civilisation. Des techniciens réactionnaires, des sociologues de tendance positiviste, des missionnaires naïfs ou engagés et la bourgeoisie impérialiste de l'Europe — inspirés tous par les mêmes préjugés — ont élaboré une caricature grotesque du passé africain. On a créé, ainsi, le mythe d'une sous-humanité, indispensable à la liberté d'action des forces impérialistes qui, au nom de presque tout, de Dieu et du Progrès, ont entrepris la tâche "méritoire" de rendre esclaves, de domestiquer, gouverner, civiliser, les peuples noirs du Continent Africain...

Toutefois aujourd'hui, grâce au travail de dizaines d'investigateurs vivement intéressés par l'Histoire des peuples africains et auxiliés de près par des ethnologues, des linguistes et des archeologues; grâce, aussi, aux congrès internationaux, aux centres de recherches, aux revues spécialisées, le passé de l'Afrique Noire commence à être révélé et, parfois, d'une façon surprenante.

Les états Haussa, les royaumes de Kanem-Bornu, le pays des yorubas, les grands empires sudanais de Ghana, Mali et Songhay, la floraison de villes comme Djenné, Gao et Tombouctou, pleines de commerce et de culture, tout cela représente une révélation étonnante (et à la fois déconcertante) envers l'historiographie du XXe. siècle.